

Descobertas Arqueológicas na Amadora

(Breve síntese histórica das investigações efectuadas no actual território do Município)

Eduardo Rocha

Preâmbulo

O conhecimento actual sobre os vestígios arqueológicos existentes no território da Amadora, resulta de um já longo período de investigação, cujo início remonta à segunda metade do século XIX, e que apresentou uma continuidade irregular no tempo decorrente da envolvente social e política associada à arqueologia, quer a nível local e regional, quer a nível nacional. Este trabalho prolongou-se até aos dias de hoje, permitindo-nos possuir uma noção aproximada de como decorreu a vivência humana neste território ao longo do tempo, nas suas mais variadas vertentes.

É uma síntese destas investigações, necessariamente breve, que pretendemos efectuar nas próximas linhas, historiando a actividade arqueológica na Amadora, a partir da sequência cronológica das descobertas mais significativas, associada à caracterização das personalidades que descobriram e investigaram estes arqueossítios, dos trabalhos efectuados, e do enquadramento científico, social e político que envolveu estas investigações. Procurou-se identificar tendências e correntes estruturantes do trabalho arqueológico desenvolvido na região, a partir da análise do legado documental existente, com o distanciamento necessário à análise dos factos, pelo que terminaremos a presente síntese, em termos cronológicos, com a criação da ARQA em 1988.

Antecedentes históricos: a "descoberta" do aqueduto romano

O desenvolvimento da arqueologia como ciência autónoma, nomeadamente quanto

aos seus princípios, fundamentos, e metodologias, ocorreu ao longo do séc. XIX, enquadrado pela emergência do pensamento científico moderno. No entanto, as suas raízes podem encontrar-se em correntes de pensamento mais antigas, nomeadamente no humanismo renascentista, que valorizava e referenciava, entre outros aspectos, os autores e as fontes da antiguidade clássica, redescobrimo-se a cultura greco-latina.

É neste contexto que surgem as primeiras referências a um dos mais significativos vestígios arqueológicos existentes na Amadora: um aqueduto do período romano que teria abastecido a cidade de Lisboa. Estas referências não podem ser entendidas como resultado de um trabalho de cariz "arqueológico", mesmo num conceito mais vasto, não só pelo enquadramento da época, mas principalmente porque serviam um objectivo concreto substancialmente diferente do da análise meramente histórica: o justificar a construção de um aqueduto para suprir as necessidades de Lisboa em água, apresentado como argumento de peso o exemplo dos romanos. No entanto, dado que algumas destas referências apresentam descrições pormenorizadas sobre o aqueduto e a sua localização, de substancial importância para as investigações posteriores e por se integrarem nessa corrente da época que valorizava e se interessava pelas "antiguidades" de cariz humanista, consideramos pertinente sua a inclusão no presente artigo.

A primeira é feita por Francisco d' Holanda, ilustre pensador português do século XVI, que na sua obra "Da Fábrica que falece ha Cidade de Lysboa" (1571), dirigida ao rei D.

Sebastião, se refere explicitamente à existência de troços subterrâneos do aqueduto, bem como à barragem romana de Belas, incentivando El Rei a seguir o exemplo romano. Posteriormente (1617) o arquitecto Pêro Nunes Tinoco, propõe um possível trajecto para o futuro aqueduto, aproveitando a nascente da Água Livre, local da construção de uma antiga barragem, a qual se refere como "fabrica que os mouros fizeram para efeito de reprezarem agoa do rio e fazerem nelle lago". Nesse mesmo ano, no Roteiro da Água Livre e Água de Montemor, Pêro Nunes Tinoco refere-se novamente à barragem e ao aqueduto, descrevendo pormenorizadamente este último, atribuindo desta vez a construção aos romanos. Pouco tempo depois, em 1620, Leonardo Turriano, em carta remetida ao Rei Filipe III (II de Portugal), apresenta quatro caminhos possíveis, correspondendo o quarto explicitamente ao aqueduto romano, apresentando o seu percurso com algum detalhe (Viegas e Gonzalez, 1996).

Curiosamente, o esforço destas personalidades contribuiu para que fosse edificado um dos monumentos mais emblemáticos da Amadora: o *Aqueduto das Águas Livres*, construído na primeira metade do século XVIII, e cujo percurso desenvolve-se em grande parte no Município da Amadora, seguindo um trajecto semelhante ao aqueduto romano (pelo menos no que diz respeito aos troços identificados no final do século XX), o que terá provocado a destruição deste último em larga escala.

Início da actividade arqueológica na Amadora

Será durante a segunda metade do século XIX que a arqueologia se afirmará como disciplina científica em Portugal, acompanhando a tendência europeia já referida anteriormente, preconizada pelas principais potências culturais da época, Inglaterra e França, com destaque para esta última. Seguindo o exemplo europeu, em Portugal as origens da ciência pré-histórica partem de duas vias, uma ligada às ciências naturais, nomeadamente a Geologia, e mais vocacionada para o estudo do passado mais remoto do homem (Paleolítico), e outra às ciências históricas, centran-

do-se na Idade dos Metais e remontando a sua análise ao Neolítico.

É neste contexto que surge a 2.^a Comissão Geológica Portuguesa, onde pontificavam figuras como Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Pereira da Costa, entre outros, e cuja actividade pioneira no campo da arqueologia permitiu a descoberta de jazidas de excepcional importância e publicação dos primeiros estudos de arqueologia em Portugal. De entre as diversas iniciativas desta Comissão, destaca-se a realização da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, que decorreu em Lisboa no final de Setembro de 1880, e que gerou um enorme impacto na comunidade científica nacional, bem como na elite social portuguesa da época. Posteriormente, e na senda dos grandes museus nacionais que surgiam por essa Europa fora, surge outra das instituições de referência desta época, o Museu Nacional de Etnografia, futuro Museu Nacional de Arqueologia, cuja criação remonta a 1893, fruto dos esforços do eminente investigador José Leite de Vasconcelos.

Estas duas entidades viriam a ter um papel de enorme relevância nas primeiras investigações arqueológicas efectuadas na Amadora, e que se prolongariam pelo séc. XX até aos anos 70. Por essa razão encontram-se hoje em depósito nas instituições que herdaram o seu legado, o Museu do Instituto Geológico e Mineiro e o Museu Nacional de Arqueologia, um conjunto muito significativo de materiais arqueológicos da Amadora, quer em termos quantitativos, quer em termos qualitativos, deixando bem patente a sua importância científica na atenção que inúmeros investigadores lhes têm dado.

No entanto, o primeiro artigo científico sobre um sítio arqueológico na Amadora será novamente sobre o *Aqueduto Romano*, incluído no volume II de "O Archeólogo Português" (Montenegro, 1876), referindo a existência de estruturas de um antigo aqueduto, afirmando o autor que "parece, sem contudo poder afirmar-se, que esta obra teria sido construída no tempo em que os Romanos ocuparam a Península".

Mas a presença mais antiga do Homem na região cedo se revelaria. Já no início do século XX, mais precisamente em 1909, os profes-

sores franceses Bouvier-Lapierre e Luisier chamaram a atenção dos arqueólogos portugueses para a região do Monsanto, onde se detectaram alguns objectos líticos integráveis no período Paleolítico. Na senda destes trabalhos, os Professores Joaquim Fontes e Vergílio Correia dedicaram-se com grande entusiasmo ao estudo deste período, e entre 1909 a 1912 percorreram os arredores da capital, onde vieram a detectar diversas estações arqueológicas de superfície. Interessa-nos destacar as detectadas na região da Amadora.

Vergílio Correia, que exerceria o cargo de conservador do Museu Nacional de Etnografia de 1912 a 1915, colaborando activamente com José Leite de Vasconcelos, refere no artigo denominado *O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo* (Correia, 1912), um conjunto vasto de jazidas localizadas na Amadora, onde foram detectados materiais líticos deste período, distribuídos maioritariamente pelas vertentes da Serra de Carnaxide, na zona Sul do actual território do Município. Estas são enumeradas num contexto mais vasto dos sítios paleolíticos de Portugal, constituindo de alguma forma um pronúncio do contributo que estas jazidas teriam para o conhecimento do Paleolítico no nosso país. Nesse artigo refere que são da sua responsabilidade a descoberta das estações arqueológicas do *Casal do Garoto, A-Damaia, Casal do Canas, Quinta de Alfragide e Alfragide 1.º*, localizadas em redor da Serra de Carnaxide, e na região a Norte da Amadora, as jazidas *Casal do Castelo, Moinho da Boba e Casal de Vila Chã*, entre muitas outras descobertas na região envolvente (Correia, 1912).

Joaquim Fontes, integrando os Serviços Geológicos de Portugal (herdeiro da 2.ª Comissão Geológica) descobriu igualmente um número significativo de sítios arqueológicos desta região, com destaque para a jazida do *Casal da Serra*, sobre a qual efectuou importantes estudos (1912 e 1923). Igualmente da sua autoria é a descoberta do *Casal das Osgas* e do *Casal do Borel*, esta última conjuntamente com Vergílio Correia e Leite de Vasconcelos (Correia, 1912).

Já em 1915, Félix Alves Pereira refere num artigo do Diário de Notícias de 14 de Outubro desse ano, a identificação da jazida de *Neudel* na Damaia. A informação partiu de

João Machado que procedeu à recolha de alguns utensílios na sua propriedade, entre os quais dois "machados de pedra polida da época neolítica", entretanto cedidos ao Museu do Carmo. Félix Pereira salienta que tendo já sido assinalados bastantes vestígios paleolíticos na região, "tem importância descobrir-se agora restos da época neolítica subsequente" (Pereira, 1916).

A região da Amadora nesta época era ainda eminentemente rural com vastos terrenos agrícolas intercalados por pequenas povoações. A implantação do caminho de ferro no último quartel do século XIX veio gradualmente a alterar este cenário, com a ascensão de um núcleo urbano em redor da estação de comboios da Porcalhota, e que veria a sua denominação alterada para Amadora em 1908.

Integrada no Concelho de Oeiras e na Freguesia de Campolide desde 1898, a localidade viria a beneficiar da actividade de um grupo associativo, a "Liga dos Melhoramentos da Amadora", com fortes ligações políticas ao movimento republicano, e que viu com bons olhos a implantação do novo regime a 5 de Outubro de 1910. A actividade dos seus membros levaria ao desenvolvimento do aglomerado urbano em torno da estação de comboios, culminando na criação da Freguesia da Amadora em 1916. No entanto, a fase de maior crescimento urbano viria apenas a registar-se a partir do início dos anos 60, pelo que este território era ainda uma zona pouco perturbada, com as jazidas arqueológicas relativamente pouco afectadas por fenómenos antrópicos, para além dos de origem agrícola.

Os trabalhos arqueológicos que se realizaram neste período resumiram-se a prospecções e recolha de materiais de superfície, nomeadamente líticos, fruto de longos percursos pedestres pelos campos da região, sendo escassas as referências a contextos arqueológicos mais precisos. No entanto, são significativos alguns dos estudos de materiais efectuados, tendo presente as metodologias e conhecimentos da época, sendo de realçar os trabalhos realizados por Joaquim Fontes sobre os materiais recolhidos na jazida de *Casal da Serra*, tendo este autor publicado descrições e ilustrações dos mesmos.

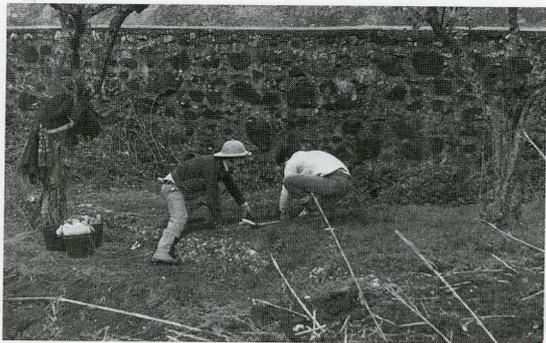


Fig. 1 - Intervenção no Aqueduto Romano pelo GAPROPA, tendo o Aqueduto das Aguas Livres do séc. XVIII por pano de fundo.

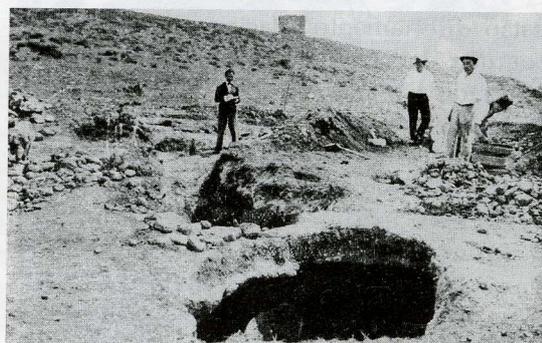


Fig. 2 - Aspecto dos trabalhos de escavação efectuados na Necrópole de Carenque em 1932.

As intervenções de Manuel Heleno e dos Serviços Geológicos de Portugal.

Passada a primeira fase da investigação arqueológica, novos contextos políticos e sociais marcam o Portugal do 2.º quartel do século XX, nomeadamente com a implantação do "Estado Novo", sendo de realçar na esfera da arqueologia a sucessão em 1929 de José Leite de Vasconcelos por Manuel Heleno na Direcção do Museu Etnográfico, doravante denominado "Dr. Leite de Vasconcelos", bem como da cátedra respectiva na Universidade de Lisboa. Assim, a figura de Manuel Heleno marcaria a actividade arqueológica na região durante a década de 30.

É a este arqueólogo que se deve a descoberta e escavação da *Necrópole de Carenque* em 1932. A sua intervenção revelou um conjunto de três grutas artificiais construídas no Neolítico Final e que apresentavam uma utilização que se prolongaria por todo o Calcolítico. Manuel Heleno dedicaria a esta jazida uma importante monografia, uma das poucas que faria ao longo da sua carreira, e que por esse facto seria peça notória no seu curriculum de arqueólogo. Neste artigo é feita a descrição morfológica das três grutas, com plantas e cortes das estruturas, bem como uma apresentação pormenorizada dos principais materiais recolhidos (Heleno, 1933). O facto deste tipo de estrutura tumular apresentar uma distribuição muito restrita no território português, com predominância da região do estuário do Tejo, de o seu conteúdo artefactual possuir significativa relevância científica, e serem relativamente poucos os casos conheci-

dos, conferiu à *Necrópole de Carenque* uma certa notoriedade no meio científico nacional, sendo a mais referenciada das jazidas pré-históricas da Amadora. Neste contexto, e com um forte contributo pessoal de Manuel Heleno, foi atribuído pelo Decreto-Lei n.º 26235 de 20/01/1936 o estatuto de Monumento Nacional a este sítio arqueológico, facto que no entanto não impediu que a jazida fosse votada praticamente ao abandono durante largos anos.

Desta época datam igualmente a identificação e escavação de outras importantes jazidas na Amadora por Manuel Heleno, nomeadamente os povoados da *Espargueira* e da *Serra das Éguas*, muito próximos da referida *Necrópole* e com uma cronologia de ocupação semelhante, bem como da *Necrópole das Baútas*, constituída segundo este arqueólogo por um "poço escavado na rocha calcária" onde recolheu material contemporâneos da ocupação da *Necrópole de Carenque* (Heleno, 1933), desconhecendo-se mais dados sobre o sítio, dado que foi posteriormente destruído pela laboração de uma pedreira.

No início da década de quarenta, o estudo das jazidas paleolíticas da região adquire uma importância singular no panorama arqueológico nacional, nomeadamente com a presença no nosso país de Henri Breuil, um dos mais importantes pré-historiadores europeus. Já Afonso do Paço, na sua *Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal* (Paço, 1934), evidenciara o elevado número de jazidas deste período existentes na Amadora, mas seria a presença do eminente arqueólogo francês que daria um significativo impulso às investigações. As circunstâncias que trouxeram Henry Breuil nesta época a Portugal

estão directamente relacionadas com o desenrolar da 2.ª Guerra Mundial, tendo sido obrigado a abandonar a França, face às suas discordâncias com o Governo de Vichy, implantado pelos Nazis em 1940. Chega a 18 de Abril de 1941, aceitando o convite do Instituto Francês de Lisboa para efectuar um ciclo de conferências, mas sua estadia prolonga-se até Setembro de 1942. Conhece Georges Zbyszewski, nos Serviços Geológicos de Portugal, com quem inicia uma relação profissional de grande contributo para a pré-história portuguesa, e visita regularmente o seu compatriota e arqueólogo Jean Ollivier, que havia fixado residência precisamente na Amadora. Seria a partir desta casa, situada no que é hoje o Bairro do Borel, que estes eminentes investigadores explorariam as diversas jazidas do Paleolítico que se espalham pelo manto basáltico de Lisboa (Raposo, 1996).

Jean Ollivier dedicaria especial atenção às jazidas da Amadora, nomeadamente a uma bem próxima da sua casa, nos terrenos onde se situava o antigo *Campo de Aviação*, nome pela qual ficou conhecida. Durante a década seguinte, este arqueólogo dedicaria extenso trabalho ao estudo destes locais, publicando diversas monografias, que culminaram em 1951 na edição de "Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora", onde o autor efectua um breve historial das descobertas e estudos do Paleolítico nas proximidades da Amadora, descrevendo alguns dos utensílios e apresentando uma carta com a implantação dos sítios do "Paleolítico da Amadora". Com este termo designa o conjunto de estações paleolíticas de superfície desta região, incluindo áreas dos municípios vizinhos (Ollivier, 1951).

Entretanto em finais de 1945, no âmbito das prospecções levadas a cabo pelos Serviços Geológicos de Portugal, Camarate França e Georges Zbyszewski identificaram o povoado do *Alto da Cabreira*. Em monografia de 1948, Camarate França oferece uma visão geral da jazida, através da descrição e estudo dos materiais aí recolhidos em prospecção, bem como do estabelecimento de paralelos com outros povoados do Calcolítico (Miranda, 1996).

Estes trabalhos continuavam a inserir-se numa lógica de investigação nacional mais vasta, levadas a cabo por instituições que actuavam igualmente a nível de todo o ter-

ritório português, se bem que os arredores da capital, onde se encontravam sedeados, constituiu naturalmente um lugar de eleição para as suas actividades. Mas, durante a década de sessenta dá-se a génese de uma dinâmica local que iria protagonizar a investigação arqueológica na Amadora no final do séc. XX.

O surgimento de uma dinâmica local de investigação.

A partir do ano de 1960 um grupo de jovens cultivava a sua amizade em torno do património local, com realce para a Arqueologia. Incentivado pelos textos que António Coelho publicava no *Jornal Notícias da Amadora*, sobre o património da região, um jovem de nome António Gonzalez junta-se a Luís Guerreiro Almeida, personalidade ligada à vida cultural da Amadora, na procura de vestígios arqueológicos em redor da povoação, que culminaram com a descoberta do sítio do Casal de Vila Chã Sul. Apesar da morte prematura de Luís Guerreiro Almeida em 1961, os trabalhos foram prosseguidos por Rogério Guerreiro Almeida, Luís Campos Costa e pelo próprio António Gonzalez. O número de colaboradores deste grupo foi apresentando algumas oscilações, mas no final da década de 60 apenas António Gonzalez e José Guerra se mantinham activos. Os trabalhos desenvolvidos caracterizaram-se por um elevado voluntarismo e entrega, pese embora o amadorismo inicial, mas cujos contactos com arqueólogos como Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski proporcionariam uma crescente consciencialização da necessidade de adopção de critérios e métodos de trabalho científicos. Em 1971, António Gonzalez identificaria a jazida dos *Moinhos do Penedo*, localizada na elevação com o mesmo nome, tendo contado com a colaboração de Veiga Ferreira para a intervenção arqueológica subsequente. Trata-se de um povoado do Neolítico Final / Calcolítico Inicial, tendo a maior parte do espólio sido recolhido em bolsas de acumulação na vertente Sul.

O forte crescimento demográfico e urbano que se fazia sentir na região da Amadora impulsionava o número de elementos deste grupo, mas começava igualmente a colocar em risco algum do património arqueológico conhecido,



Fig. 3 - Aspecto dos trabalhos de escavação efectuados nos Moinhos da Atalaia Oeste em 1980.

consciencializando os seus elementos para uma intervenção mais activa na preservação e valorização do património local.

De referir que paralelamente à actividade deste grupo, outras instituições se mantinham activas na região, sendo de registar em 1971 uma nova descoberta importante, a identificação por José Arnaud e Teresa Gamito do povoado das Baútas. Segundo os investigadores "ao visitarmos as grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, apercebemo-nos da existência no topo da serra oposta de um local com óptimas condições para um povoado Eneolítico". Constataram que a jazida tinha sido quase totalmente destruída pela laboração de uma pedreira nos anos 40/50 (a mesma que destruíra a *Necrópole das Baútas*), restando apenas escassos metros de terreno não afectado, onde procederam à limpeza de um corte e à recolha de material nos montes de terra já remexidos pela pedreira, materiais efectivamente enquadráveis no período Calcolítico (Arnaud e Gamito, 1972). Continuaram a ser editados neste período diversos estudos sobre materiais arqueológicos recolhidos anteriormente na Amadora, com destaque para os trabalhos de Veiga Ferreira e Vera Leisner, sobre os monumentos megalíticos da zona e povoados cronologicamente coevos (Leitão, North e Veiga Ferreira, 1972), tendo igualmente sido desenvolvidos importantes estudos sobre as jazidas do período Paleolítico (Zbyszewski e Cardoso, 1985). Entretanto, em 1973 o grupo transfere-se para a casa Roque Gameiro com o intuito de a transformar num Museu, a partir dos materiais que vinha reunindo em casa de António Gonzalez, tendo realizado ainda nesse ano a primeira exposição sobre arqueologia na Amadora. Daqui



Fig. 4 - Membros do GAPROPA na Casa Roque Gameiro.

surgiria o Centro Cultural Roque Gameiro, que alargaria o seu leque de actividades para áreas como o cinema, desporto, literatura, fotografia, pintura, entre outras. O antigo grupo, agora constituído como secção do Centro, passou a chamar-se Grupo de Estudos e Prospecções Arqueológicas (GEPA). A revolução de 25 de Abril de 1974 traria uma nova dimensão política e social ao Centro Cultural, que conduziu a uma intervenção bastante activa junto da população, destacando-se no GEPA as diversas iniciativas de divulgação levadas a cabo, nomeadamente sessões públicas sobre a Pré-História, que atraiam público em elevado número.

Voltamos ao ano de 1973 para mencionar a descoberta por um dos elementos do GEPA, Eduardo Miranda, de uma das mais significativas jazidas da Amadora, os Moinhos da Atalaia Oeste, feita após inspecção do talude leste do troço de estrada que unia a E.N. 117 à Amadora. Imediatamente após a descoberta, alguns membros do Grupo de Estudos e Prospecções Arqueológicas procederam a algumas sondagens e a recolhas de material. António Gonzalez, Eduardo Miranda e Rui Almeida confiaram posteriormente o prosseguimento dos trabalhos de campo a Clara Vaz Pinto e Rui Parreira, que realizaram as escavações no Verão de 1975. Foi recolhido um espólio muito significativo, nomeadamente cerâmico e metálico, que tem constituído importante referência para a compreensão da ocupação humana da península de Lisboa durante a Idade do Bronze e do Ferro (Pinto e Parreira, 1978).

Vem a ocorrer uma remodelação do Centro em 1978, dado o crescimento orgânico entretanto verificado, tendo o GEPA desaparecido, e surgindo em sua substituição o Gabinete

de Protecção do Património Cultural e Natural da Amadora (GAPROPA), que conforme o nome indica, alargava as suas áreas de actuação. No entanto, a arqueologia continuava a ser a sua actividade central, tendo os anos seguintes sido bastante profícuos.

Será nesse ano que se verificará uma "redescoberta" importante: a identificação do *Aqueduto Romano*, após anos de esquecimento. O GAPROPA detectou esta estrutura em prospecções efectuadas na zona central da Mina, tendo primeiro encontrado indícios soltos, nomeadamente de material de construção do aqueduto, detectando posteriormente no declive do terreno a existência de uma estrutura enterrada, que continha as terras escorridas pela acção erosiva, facto confirmado com a escavação no local e sua identificação como um aqueduto de origem romana. Na sequência do acompanhamento do seu percurso, na tentativa de identificar mais troços, António Gonzalez e João Cravo descobrem em Janeiro de 1979 a *villa* romana da Quinta da Bolacha, na zona da Rascoeira, Casal de S. Brás. Foram recolhidos diversos materiais que atestavam a existência no local de um habitat do período romano (Cravo, 1981).

O aqueduto romano seria escavado no final de 1979 e nos primeiros meses de 1980, tendo sido identificado parte do seu percurso, bem como a sua forma e secção típica. As prospecções em redor da *villa* romana renderiam mais uma descoberta em 1980, a jazida dos *Moinhos do Castelinho*, identificada como possível Necrópole da *villa* romana. Ainda nesse ano (Setembro/Outubro) ocorreria a 2.^a e última escavação da jazida dos *Moinhos da Atalaia Oeste*, sob a direcção de João Ludgero Gonçalves dada a sua iminente destruição devido à construção do nó dos "quatro caminhos", que efectivamente se veio a concretizar pouco depois da escavação (Gonçalves, 1983). Já no ano seguinte, no Verão de 1981, realizou-se a primeira campanha de sondagens na *villa* romana da Quinta da Bolacha, sob a direcção de Manuel Barreto, que revelaria um conjunto de tanques associados a uma canalização de chumbo, bem como um espólio muito interessante, nomeadamente cerâmico. Os trabalhos foram no entanto suspensos pouco depois do seu início devido a frequentes acções destrutivas da

população sobre os vestígios postos a descoberto (Miranda e Encarnação, 1998).

Os trabalhos arqueológicos realizados tiveram bastante repercussão a nível regional, surgindo inúmeras notícias em jornais locais, relatando as descobertas e os trabalhos desenvolvidos. Tendo por objectivo mostrar o vasto e significativo espólio entretanto recolhido, o GAPROPA apresenta na Casa Roque Gameiro, no Verão de 1982, uma exposição sobre os vestígios existentes na Amadora denominada "Projecto Museu", título que torna evidente que a criação de uma instituição deste tipo na Amadora se tinha tornado um dos principais objectivos deste grupo. Neste sentido, nova exposição é desenvolvida no ano seguinte, no mesmo local, desta vez subordinada ao tema "Amadora, História e Património". O Município era na altura bastante jovem (criado em 1979), estando em fase de desenvolvimento muitas das suas estruturas básicas, pelo que estas iniciativas se revelavam oportunas para alertar o poder político para a questão do património arqueológico, contribuindo para que desde meados da década de 80 existissem departamentos municipais activos nesta área.

Será em 1984 que se dará a última descoberta significativa deste período de investigações, a *Tholos da Pedreira do Campo*. Numa das suas habituais prospecções em redor da Amadora, António Gonzalez avistou no topo de um corte, resultante da laboração de uma pedreira, uma forma que lhe pareceu familiar. Aproximando-se pelo topo, confirmou tratar-se de um pequeno pote de cerâmica, que se desprendera do terreno e que emaranhado em raízes ficara suspenso sobre o vazio. O corte atravessava a *tholos* em toda a sua extensão, tornando visível uma estratigrafia onde eram identificáveis fragmentos cerâmicos e ossos, que não passaram despercebidos ao olhar atento de António Gonzalez.

Mediante o seu estado de ruína eminente, projectou-se uma intervenção de emergência para Janeiro do ano seguinte, sob a orientação de Jorge Miranda e João Viegas. Contudo, só foi possível efectuar a limpeza dos cortes abertos pela pedreira, dado que a estrutura foi inesperadamente destruída, antes de se iniciar a escavação propriamente dita (Miranda e Viegas, 1984).

Entretanto, o núcleo de arqueologia tinha-se separado do Centro Cultural Roque Gameiro, deslocando-se fisicamente para a Quinta

de S. Miguel conjuntamente com o espólio entretanto reunido e dando início ao processo de criação de uma associação autónoma. Deste processo surgiria a ARQA, criada em 1988, com a qual se inicia um novo ciclo de actividade arqueológica na Amadora, o qual extravasa os limites cronológicos inicialmente definidos para o presente artigo.

Bibliografia

- ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1972) - O povoado fortificado Neoneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas), in *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. VI, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp.119-161.
- CARDOSO, João Luís (2002) - História breve das investigações *Pré-Históricas em Portugal*, in *Pré-História de Portugal*, Verbo, pp. 21-43.
- CORREIA, Vergílio (1912) - O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo, in *O Archeólogo Português*, Vol. XVII, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp. 55-62.
- CRAVO, João (1981) - Vestígios arqueológicos na Brandoa, in *Notícias da Amadora*, Ano 23, n.º 890, Amadora, 31/1/1981, p. 5.
- FABIÃO, Carlos (1999) - Um Século de Arqueologia em Portugal - I in *Almadã*, Vol. 8, II série, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 104-126.
- GONÇALVES, João Ludgero (1983) Amadora, in *Informação Arqueológica*, n.º 3, Lisboa, Departamento de Arqueologia (IPPC), pp. 36-39.
- HELENO, Manuel (1933) - Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque), Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- LEITÃO, Manuel; NORTH, Thomas; VEIGA FERREIRA, O. da (1972) - O povoado Pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas), in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.143-157.
- MIRANDA, Jorge Augusto; VIEGAS, João Carlos (1984) - Tholos da Pedreira do Campo, Relatório da destruição do sítio, enviado ao IPPC, Associação de Arqueologia da Amadora, Amadora, (policopiado).
- MIRANDA, Jorge Augusto (1996) - Alto da Cabreira. Trabalhos arqueológicos de emergência efectuados em 1992, 1, Gabinete de Arqueologia Urbana / Associação de Arqueologia da Amadora.
- MIRANDA, Jorge Augusto; ENCARNACÃO, Gisela (1998) - Villa Romana da Quinta da Bolacha - Amadora, Campanha de Abril/Maio de 1997, 4, Gabinete de Arqueologia Urbana / Associação de Arqueologia da Amadora, (policopiado).
- MIRANDA, Jorge; ENCARNACÃO, Gisela; VIEGAS, João; ROCHA, Eduardo; GONZALEZ, António (1999); - Carta Arqueológica da Amadora, Bibliografia Analítica, Câmara Municipal da Amadora.
- MONTENEGRO, A. P. de Miranda (1876) - Antigo Aqueduto de Lisboa, in *O Archeólogo Português*, Vol. II, Lisboa, Museu Ethnographico Português, p. 229.
- OLLIVIER, Jean (1951) - Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora, in *O Arqueólogo Português*, Nova Série, Vol. I, Lisboa, Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos, pp. 63-82.
- PAÇO, Afonso do (1934) - Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal, in *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 23-47.
- PEREIRA, Félix (1916) - Miscelânea Arqueológica, in *O Arqueólogo Português*, Vol. XXI, Lisboa, Museu Etnológico Português, pp. 343-344.
- PINTO, Clara Vaz; PARREIRA, Rui (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze final e do Ferro inicial a norte do estuário do Tejo, in *Actas das III Jornadas Arqueológicas - 1977*, Vol. 1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 145-163.
- RAPOSO, Luís (1996) - O "Papa da Pré-História" em Portugal, in *A Linguagem das Coisas*, Publicações Europa-América, pp. 276-280.
- VIEGAS, João Carlos G.; GONZALEZ, António Guilherme B. (1996) - Aqueduto Romano da Amadora, 2, Gabinete de Arqueologia Urbana / Associação de Arqueologia da Amadora.
- ZBYSZEWSKI, G.; CARDOSO, J.L. (Dez. 1985) - O Paleolítico do antigo campo de aviação da Amadora, in *Arqueologia*, n.º 12, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 56-70.

Agradecemos as informações orais gentilmente prestadas por António Gonzalez sobre os primeiros anos de investigação local.